



Picolés: queda de braço entre os custos e arrojos na embalagem.

Um olé no picolé

Por que BOPP barbariza em filmes de palito

No pente fino da **Associação Brasileira da Indústria de Sorvetes (Abis)**, o consumo de picolés pulou em torno de 45% em 11 anos. Alcançou a marca de 257 milhões de litros dois anos atrás, bons degraus acima do indicador de 141 milhões de litros nos idos de 2003. Apesar do soluço no balanço do ano passado, provocado pela recessão, o poder de reação do sorvete de palito, a categoria mais acessível desse laticínio, instiga as previsões de retomada traçadas no reduto da sua embalagem, os produtores de filmes biorientados de polipropileno (BOPP). “Nos últimos anos, a demanda dos picolés tem crescido sob impulso de novas marcas e seu fortalecimento no mercado e pelo fenômeno recente das paletas mexicanas por aqui”, percebe Aldo Mortara, gerente da área de inteligência de mercado da transformadora **Vitopel**. “Apesar do crescimento mais modesto, merecem destaque a participação dos invólucros pré-formados e selados a quente, contendo logomarca e/ou informação do sabor, para picolés artesanais ou de pequenas indústrias”.

Mortara põe fé na volta da demanda de picolés aos trilhos da expansão com base em fatores tipo diversificação da oferta, queda na

informalidade e barateamento das máquinas horizontais de enchimento e selagem (flow pack horizontal). Pela sua estimativa, o sorvete de palito hoje abocanha de 5% a 7% da demanda brasileira de BOPP, projetada por ele em 135-140.000 toneladas em 2015, empate com 2014.

Há cerca de 20 anos, rememora Mortara, BOPP opaco ou perolizado botinava o laminado de papel e polietileno de picolés. “Mérito da alta opacidade, valorização do visual e o ajuste do filme ao picolé, devido à sua baixa densidade”, ele atribui. “Os envelopes pré-formados seguiram essa tendência”. Em picolés menos diferenciados, os de maior concorrência, continua a dar as cartas no filme opaco metalizado, impresso na face externa e vedado por termoselagem, afiança o porta-voz da Vitopel. “Nos produtos de cunho menos genérico, em especial com chocolate ou tipo bombom, a estrutura de embalagem reinante não é laminada. Trata-se de BOPP metalizado e impresso sobre metal, contemplado ao final do processo com verniz de acabamento e proteção”. Conforme detalha, dois laminados de BOPP prevalecem para versões mais seletas de picolés: o filme perolizado opaco interno com filme transparente impresso no verso. “O fechamento por termoselagem predomina em sorvetes de palito devido ao seu custo/benefício e à sua resistência a baixas temperaturas, evitando o custo adicional da selagem a frio (cold seal)”, assinala Mortara. Em sorvetes mais sensíveis, como picolés recobertos de



Botton e Gonzalez: redução da espessura proporcionada pela planicidade dos filmes.

chocolate o uso de estruturas de BOPP com selagem a frio procede, completa o executivo.

BLINDAGEM CONTRA ODORES

O mostruário de filmes da Vitopel preenche todas essas peculiaridades do embalamento de picolés. Na esfera do filme opaco perolizado, o campeão em volume de vendas para o segmento, Mortara esclarece que a película de sua empresa prima pelo equilíbrio entre o alto rendimento e a capacidade de proteção. “A solicitação mecânica da embalagem é bastante relevante, pois contém um alimento congelado e um palito exposto”, considera. “Por isso, a resistência física do filme e seu desempenho na selagem a quente são cruciais para manter a qualidade da embalagem até o ponto de venda”. Quanto aos picolés de perfil mais nobre, tipo bombom ou revestidos de chocolate, o gerente salienta os predicados da barreira anti odores externos proporcionada pelos filmes metalizados da Vitopel.

Mortara acha a a indústria de sorvetes de palito focada ao extremo nos custos da embalagem e pouco afeita a avaliação de ganhos de produtividade e apostas em conceitos arrojados de marketing. “Somos motivados pelo apoio dado a esses ques-



Paletas mexicanas: introdução de filme transparente em sorvetes.

tos pelos fabricantes menores de picolés diferenciados”, coloca. Vem daí, deixa claro, o estímulo para a Vitopel se empenhar em adequar seus filmes às velocidades crescentes e tópicos como a hermeticidade do fechamento da embalagem. No tocante a novas tendências no visual, Mortara ressalta a introdução dos filmes transparentes no mercado brasileiro de sorvetes de palito, mérito da chegada das paletas mexicanas. “Remetem ao frescor dos sorvetes de frutas”.

IMPULSO DAS PALETAS

O filme transparente confere à embalagem monocamada das paletas mexicanas maior gramatura com menor micragem, observa Davide Botton, diretor superintendente da área comercial da **Unigel**, grupo controlador da produtora de BOPP **Polo Films**. A propósito, nos idos de 2000 as espessuras em vigor para invólucros de picolés variavam de 40 a 60 micra, “Hoje em dia oscilam de 27 a 47 micra, redução viabilizada por filmes de melhor planicidade, capazes de suportar as velocidades das linhas de empacotamento atuais”, completa Julian Gonzalez, diretor comercial da Polo Films.

Entre as tendências em campo, os dois diretores destacam a busca, pela indústria de sorvetes de palito, por filmes de maior rendimento e alta adesão no fechamento a frio. Gonzalez pinça, do mostruário da Polo, o filme 26TBPOHGS32 como seu carro-chefe para picolés. “Supera a concorrência na força de selagem e no brilho e efeito perolizado”, atesta o executivo. Em picolés premium, cremosos com cobertura de chocolate, a Polo sobressai pela seleção de seu filme mate laminado com filme opaco ou metalizado por grifes do naipe da **Diletto/Kopenhagen**. Na esteira, Gonzalez enaltece o visual e printabilidade de seus filmes transparentes e, no seu portfólio de opacos, mate e metalizados, a proteção, maquinabilidade e o poder de evitar o chamado showthrough.

“Tratam-se de marcas provenientes de contato da embalagem com a umidade ou gordura do sorvete embalado”, ele traduz.

Botton atribui aos sorvetes de palito em torno de 2% do consumo total de BOPP no país. “Nos últimos cinco anos, essa participação cresceu devido ao surgimento das paletas mexicanas no mercado”, justifica. Apesar desse empurrão, comenta Gonzalez, a indústria de picolés poderia crescer mais não fosse, além da recessão, a carga tributária e, ponto contestado pelos fabricantes, o enquadramento do produto na categoria de itens supérfluos. “A disputa com alternativas como a raspadinha e gelos flavorizados – vendidos na faixa de R\$ 7 o pacote com 40 unidades – também influi para reduzir a velocidade da expansão da base de consumidores”, ele argumenta.



Mortara: BOPP da Vitopel alia rendimento ao poder de proteção do picolé.

A partir de suas três linhas de BOPP em Manaus, a **Videolar-Innova** também transita por todas as frentes dos sorvetes de palito com filmes opacos e metalizados. Aos olhos de Luiz Alberto Absy, gerente comercial para filmes plásticos, picolés hoje absorvem de 2% a 4% do mercado nacional de BOPP, fatia creditada por ele ao apelo visual e à proteção conferida

pela película biorientada ao congelado. Ele também percebe uma evolução na espessura dos invólucros, em queda livre há pelo menos 15 anos. “A maioria dos fabricantes de picolés hoje emprega embalagens de 25 a 40 micra”, situa Absy. “O grau de inviolabilidade e proteção do BOPP permitiram a segura diminuição da gramatura sem comprometimento das propriedades da embalagem. Uma revolução nesse nicho dos sorvetes”.

BRASKEM REFORÇA TIME DE GRADES PARA BOPP



Ruiz: nova resina baixa espessura do filme.

DP 150 é o codinome experimental de uma resina para BOPP posta pela **Braskem** na reta final para ganhar a prateleira. “Ela se distingue por contemplar o filme com melhor performance mecânica, excelente planicidade (perfil de espessura) e redução da carga energética requerida na produção da película”, explica Francisco Carlos Ruiz, engenheiro de aplicação de PP do grupo petroquímico. “Esse grade mostra-se muito promissor para proporcionar redução de espessura, melhorias na rigidez e maquinabilidade e adequação às velocidades crescentes nas linhas de envase de alimentos, incluso o sorvete de palito”, acena o especialista.

O assédio da Braskem ao filme reputado o traje a rigor dos picolés se completa com cinco resinas. Quatro delas são homopolímeros de baixa fluidez e boa rigidez. Desse efetivo, três grades da série HP não incorporam aditivos deslizantes: 5 23J, 504 XP e, indicado em especial para metalização de altíssima barreira e maiores pedidos de retenção de tratamento superficial, o tipo 407 J. Já o homo de baixa fluidez H502HC, de alta barreira e resistência química, é recomendado por Ruiz para aplicações dependentes do trinômio rigidez/tenacidade/processabilidade. O arsenal fecha com Symbios 4102, terpolímero de propeno, eteno e buteno que prima pela média fluidez e é indicado pelo engenheiro para selagem na coextrusão de BOPP para soluções customizadas em processos com temperatura inicial de 115°C de selagem na face tratada.